

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ADVERBIAIS DE LOCALIZAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO TEMPORAL *

I

É frequente encontrarmos na literatura linguística referências aos adverbiais de tempo como se de uma classe homogénea e bem definida se tratasse. Bem pelo contrário, uma investigação mais atenta evidencia à saciedade que esta designação recobre elementos muito distintos que importa analisar e distinguir cuidadosamente. Neste trabalho, iremos começar por observar a diversidade de configurações morfo-sintáticas dos adverbiais de tempo num 'corpus' do português e, depois de descrevermos brevemente o quadro teórico de análise semântica que assumimos, proporemos uma classificação de adverbiais operadores de localização e quantificação temporal que poderá servir de enquadramento a análises posteriores mais especializadas.

Possivelmente, a primeira clarificação consiste em ultrapassar a perspectiva tradicional, mas ainda frequente, que reduz a classe funcional dos adverbiais à categoria do advérbio, considerada desde Dionísio da Trácia como uma palavra invariável aplicada ao verbo (cfr. Guimier 1991: 13). A linguística moderna (como, por exemplo, faz Binnick 1991: 301) tende, no entanto, a considerar — sobretudo à luz de critérios distribucionais — que a classe adverbial deve abranger não apenas advérbios ou mesmo sintagmas adverbiais em sentido estrito — em português, com núcleo consti-

* Neste trabalho oferecemos em resumo alguns resultados do trabalho de investigação que foi apresentado como dissertação de doutoramento à Faculdade de Letras do Porto (Matos 1999). Parte desta síntese foi exposta no Encontro *QUID NOVI? 2000*, promovido pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto, em Junho de 2000.

tuído por advérbios de tempo (*hoje*), nomes de tempo (*sábado passado*) ou outros advérbios (como *aqui* usado em valor temporal) — como também sintagmas preposicionais (*em pouco tempo*, *por alguns dias*), orações adverbiais subordinadas (*antes que ele venha*) e um conjunto de expressões fixas, de carácter idiomático, que não cabem nestas categorias (*daqui para a frente*, *já a correr*, *num abrir e fechar de olhos*).

Esta polimorfia dos adverbiais de tempo torna-se particularmente visível quando os analisamos em textos autênticos. Foi o que fizemos, partindo da observação de um pequeno “corpus” (de cerca de 200 000 palavras) repartido em cerca de 50% por textos escritos (jornalísticos, literários e técnicos) e em cerca de 50% por textos de fala (constituído pelo conjunto de entrevistas do Português Fundamental). Considerámos na nossa observação Sintagmas Adverbiais, Sintagmas Preposicionais, Sintagmas Nominais não preposicionados e Orações adverbiais introduzidas por conectores temporais. Procurámos investigar do ponto de vista quantitativo, em primeiro lugar, o valor do total destas formas adverbiais relativamente ao total de palavras do ‘corpus’. O resultado que obtivemos foi de 3,8%, o que nos dá uma ideia da importância dos ATs em termos da sua representatividade no léxico. Em segundo lugar, procurámos averiguar o valor relativo de cada uma das subclasses de adverbiais de tempo, que apresentamos a seguir:

QUADRO I — Repartição dos ATs do ‘corpus’ por categorias morfossintácticas

Adverbiais de tempo	N	%
Sintagmas Adverbiais	3964	54,6%
Sintagmas Preposicionais	1852	25,5%
Orações adverbiais	749	10,4%
Sintagmas Nominais	693	9,5%
<i>Total</i>	7258	100%

Este quadro ilustra a dispersão dos adverbiais de tempo por classes morfo-sintácticas bastante diversas. No entanto, se seguirmos uma sugestão de Gross (1990), que considera os SNs temporais como SPreps de preposição zero (como em *esta manhã*), podemos aproximar estas duas classes. Quanto às preposições que introduzem Sintagmas preposicionais temporais, as cinco mais frequentes são, por ordem decrescente: *em*, *a*, *de*, *por* e *para*. Os SAdv (quase sempre constituídos por advérbios simples) consti-

tuem mais de metade deste total. Note-se ainda que, nas orações adverbiais encontradas, 59,1% são introduzidas por *quando*.

Se é verdade que não se deve reduzir a classe dos adverbiais aos advérbios de tempo, não deixa de ser igualmente verdade que estes apresentam valores muito elevados. De facto, um aspecto particularmente relevante deste quadro é que, mesmo somando os valores dos SPreps com os dos SNs, os valores dos advérbios são largamente maioritários. Isto é, os advérbios de tempo constituem por si sós cerca de 2% do léxico total, o que é um valor surpreendentemente alto, e que, segundo julgamos, poderá ser confirmado por dados de outros 'corpora'.

Observemos então os advérbios de tempo. Se os dividirmos em duas subclasses, uma constituída pelos advérbios em *-mente* (*actualmente, geralmente, raramente*, etc.) e a outra por todos os restantes, verificamos que, se considerarmos as formas (os valores V), os advérbios em *-mente* são largamente maioritários; mas se considerarmos as ocorrências (os valores N), sucede o contrário, como se pode verificar na tabela seguinte:

QUADRO II — Formas dos advérbios de tempo

	V	N
Em <i>-mente</i>	64%	6%
Restantes	36%	94%

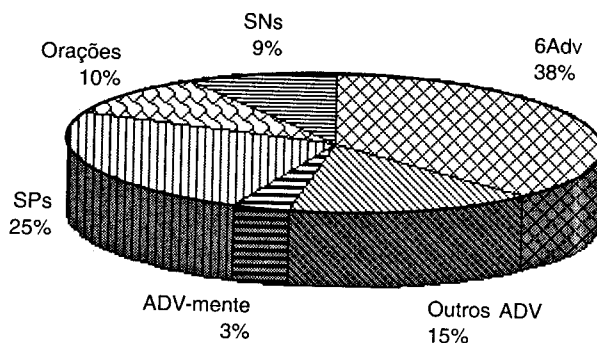
A pergunta seguinte, obviamente, é: quais os advérbios responsáveis por frequências tão altas? Provavelmente sem surpresa para quem trabalha com 'corpora', os advérbios responsáveis por estes dados são os seguintes:

QUADRO III — Advérbios de tempo mais frequentes, por ordem decrescente

Advérbios	N	%
<i>já</i>	773	21,5%
<i>depois</i>	542	15,1%
<i>agora</i>	425	11,8%
<i>ainda</i>	394	11,0%
<i>então</i>	377	10,5%
<i>sempre</i>	298	8,3%
<i>Totais</i>	2809	78,1%

Isto é, apesar da grande diversidade de configurações dos advérbios de tempo, um grupo de apenas seis advérbios é responsável por quase 80% do total de ocorrências dos advérbios de tempo no 'corpus' e por cerca de 40% do total de advérbiais de tempo. No gráfico a seguir podemos observar melhor esta repartição:

GRÁFICO I — Repartição dos advérbiais de tempo no 'corpus'



Este elevado número de frequências destes advérbios sugere que eles sejam semanticamente mais básicos e, simultaneamente, mais versáteis, apresentando funções discursivas mais amplas e manifestando, portanto, maior polissemia, sendo os advérbios em *-mente* seleccionados em função de uma intenção de maior consciência da estratégia usada no discurso.

II

Um segundo aspecto que importa ter em consideração é que, ao analisarmos o funcionamento linguístico dos advérbiais de tempo (ATs), rapidamente concluímos que estes não apresentam características gramaticais suficientemente homogêneas para constituírem uma subclasse de contornos bem definidos no interior da classe adverbial no seu todo. Sintacticamente, apresentam-se integrados na frase, ao ponto de poderem ser subcategorizados pelo verbo, mas também reagem a testes sintáctico-semânticos que os colocam a par de advérbiais periféricos à estrutura frásica, operando mesmo ao nível transfrásico da conexão e da enunciação. No quadro a

seguir procuramos sintetizar e exemplificar alguns aspectos desta polifuncionalidade sintáctica dos advérbios de tempo, à luz de critérios sintáctico-semânticos habituais na literatura:

QUADRO IV — Polifuncionalidade sintáctica dos advérbios de tempo

– subcategorizados por V (adjuntos / / circunstantes)	– periféricos (integrados na F)	+ interno a SV – interno a SV		<i>hoje</i>
	+ periféricos (advérbios de frase)	disjuntos	de enunciação	<i>então</i> ¹
			de enunciado	<i>habitualmente</i>
		conectores		<i>entretanto</i>
+ subcategorizados por V (complementos / actantes)				(“a festa durou <i>dois dias</i> ”)

Por isso não encontramos em conhecidos estudos dos advérbios (por exemplo Greenbaum 1969, Schylter 1974, Mørdrup 1976, Quirk et al. 1985, Bartsch 1976, Melis 1983, Molinier 1990) uma classe de advérbios de tempo, antes estes se apresentam dispersos por várias classes, o que reflecte a percepção destes estudiosos a respeito da sua natureza heterogénea ou, como preferimos designá-la, *polifuncional*.

Isto é, é reconhecidamente no plano semântico que poderemos encontrar justificação para a existência de uma classe de advérbios de tempo, considerando-os como operadores temporo-aspectuais. Num passado ainda recente, observava-se que, em muitos estudos sobre tempo e aspecto, os advérbios de tempo ocupavam habitualmente um lugar secundário e subsidiário relativamente aos tempos gramaticais do verbo ou às classes aspectuais dos predicados (*Aktionsarten*). No entanto, uma perspectiva composicional da construção da significação temporal (desde Verkuyl 1972 até às propostas da “Discourse Representation Theory”, por exemplo) tem vindo a demonstrar a importância crucial da referência temporal estabelecida pelos advérbios na frase e, num plano mais amplo, a nível da construção da interpretação temporal do discurso. Esta importância é reconhecida, por exemplo, por Dowty (1979: 323), que observa com justeza: “tenses in English are primarily parasitic on time adverbials (...) and cannot be

¹ Em contextos como: “*Então*, não venha para aqui fazer barulho, filha!” [Português Fundamental].

understood without an understanding of their interaction with time adverbials.”

No entanto, uma análise semântica dos advérbios de tempo revela-nos que estamos perante valores temporais e aspectuais bastante diversos. Vejam-se as seguintes frases:

- (1) O Rui é inteligente. *Agora*, também é um bocado preguiçoso.
- (2) Beaugrande define texto e *seguidamente* caracteriza-o.
- (3) O Rui nasceu *em 1980*.
- (4) O Rui nasceu *há 18 anos*.
- (5) O Rui está em casa *a partir das 8*.
- (6) O Rui pôs-se em casa *em 10 minutos*.
- (7) O Rui pôs-se em casa *num instante*.
- (8) O Rui *já* chegou a casa.
- (9) O Rui vai *frequentemente* a Lisboa.

Na primeira frase não podemos atribuir a *agora* qualquer valor temporal, que funciona como um marcador ilocutório de um acto linguístico de valor argumentativo. De facto, em diversos casos os advérbios de tempo são esvaziados de sentido temporal, ou este é secundarizado na sua significação, para assumirem outros valores, como na frase seguinte:

- (10) O Rui é estudioso. *Já* o irmão é preguiçoso.

A segunda frase ilustra um valor temporal que decorre de uma referência interna ao discurso; trata-se de uma referência de natureza endofórica², característica dos marcadores de conexão intra- / interfrástica. Estes advérbios estabelecem, pois, um tipo de localização cuja descrição obriga a considerar a dimensão textual. As frases (3-5) têm em comum o facto de localizarem o evento denotado pelo predicado num determinado intervalo de tempo, embora o façam de modos distintos. Também a frase (8) estabelece uma localização, porém, indexa essa referência a uma *expectativa*, marcando a precocidade da realização do evento face a essa expectativa: o tempo t de referência do evento é anterior ao tempo de expectativa t_{exp} (elemento de um mundo possível m_i). De acordo com as sugestões de Vet (1980), consideraremos uma expectativa como um tipo de mundo possível,

² Cfr. Carbonero Cano (1979) para distinguir estes tipos de referência. V. também Lyons (1977).

não actual, o que confere uma dimensão modalizadora ao enunciado. Finalmente, as frases (6), (7) e (9) realizam operações de quantificação: sobre ocorrências de eventos (9), ou medindo a extensão de um intervalo de tempo, de forma discreta e em medidas temporais convencionais, no caso da frase (6), de forma avaliativa, escalar, e vaga na (7).³ Resumimos esta repartição de valores no quadro seguinte, reservando para mais adiante uma análise mais pormenorizada dos localizadores e quantificadores:

QUADRO V — Valores temporais e não temporais dos advérbios de tempo

				Exemplos
valores temporais	referência exofórica	referência actual	localização	<i>hoje, agora</i>
			quantificação	<i>frequentemente</i>
		ref. modalizada		<i>já</i>
	ref. endofórica			<i>a seguir</i>
valores não (especificamente) temporais				<i>agora, ainda</i>

A complexidade e o alto grau de especialização das operações discursivas realizadas pelos advérbios de tempo requer um quadro teórico adequado para a sua descrição semântica. Na linha das propostas clássicas de Reichenbach, a “Teoria da Representação Discursiva” (cfr. Kamp & Reyle 1993) apresenta algumas características que a tornam particularmente apta para tal. Segundo a Teoria da Representação Discursiva (TRD), a interpretação de um discurso temporalizado compreende diversos níveis, de entre os quais se destaca o nível das representações discursivas que formam a estrutura de representação discursiva (ERD) de um texto T, a partir da qual se processa a interpretação da ERD e T segundo um modelo M. Interessa-nos em particular compreender que a ERD constitui um “quadro” (mental) que vai sendo construído à medida que o ouvinte recebe novas frases, uma representação, portanto, dos conhecimentos que este tem do contexto.

³ Note-se que alargamos aqui o conceito de “quantificação” de modo a abranger valores durativos, frequentativos e quantificacionais em sentido estrito, o que nos permite obter uma oposição entre localização / quantificação que consideraremos traços semânticos básicos na caracterização dos advérbios de tempo.

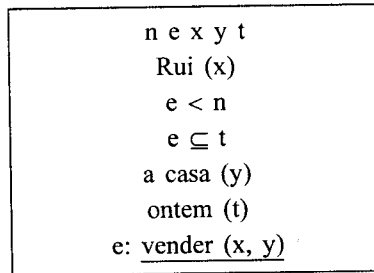
Nesta perspectiva, a função básica de um tempo gramatical reside na *relação* que estabelece entre a frase em que esse tempo ocorre e as frases que a antecedem, funcionando como uma *instrução* dirigida ao alocutário no sentido de este processar de forma adequada essa rede de relações. É esta mesma perspectiva eminentemente relacional que deve ser usada para descrever as funções temporais dos advérbios de tempo.

Convém notar que esta abordagem considera como primitivos não instantes de tempo, como procedia a “tense logic” clássica, nem mesmo intervalos de tempo, mas eventos. Kamp reconhece que, de um ponto de vista filosófico e lógico, não é fácil definir o que é um evento, e parece que temos de nos resignar a uma certa indeterminação conceptual que, no entanto, não impede que o utilizador normal da língua use os eventos na sua comunicação linguística comum. Os instantes e intervalos não são dispensados da teoria, considerando-se que uns estão para os outros como individuais estão para pluralidades.

A TRD considera como fundamental a distinção evento-estado, intervindo como propriedade distintiva básica a “mudança”: “Events involve some kind of change... states involve the continuation of some condition whereas events involve its abrogation” (Kamp e Reyle 1993: 507). É importante notar que a distinção entre estados e eventos nem sempre apresenta fronteiras bem definidas, sendo mais gradual do que absoluta. Uma razão suplementar que Kamp aponta para distinguir eventos e estados tem a ver com o seu funcionamento distinto no discurso: as frases que descrevem estados tendem a situar o estado descrito em torno do tempo de referência contextualmente saliente (relação de sobreposição); as frases que descrevem eventos situam-nos após esse ponto de referência (relação de precedência). Por isso é comum considerar-se que os eventos, ao contrário dos estados, fazem “avançar” a narrativa.

Esta proposta pode ser considerada uma abordagem *procedural*, no sentido definido, por exemplo, por J. Anscombe (1991: 24), na medida em que as unidades linguísticas “[...] ne renvoient [pas] à des entités linguistiques fixées à l’avance. Elles ne fournissent que des indications sémantiques sous forme d’ *instructions*.” De facto, segundo a proposta de Kamp, como sintetiza F. Oliveira (1987: 6), “a função principal do tempo é a de dar instruções ao ouvinte sobre como deve interpretar no texto as relações temporais entre estados e eventos, e a sua relação com o ponto de fala, isto é, o tempo das frases diz ao ouvinte em que ponto deve focar a sua atenção.”

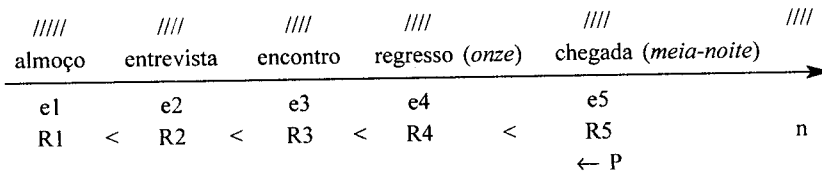
Os advérbios de tempo são tratados neste contexto. Veja-se, como exemplo, uma frase como “O Rui vendeu ontem a casa”. A função do advérbio é a de ancorar a referência temporal do evento “o Rui vender a casa” em “ontem”; já a função do tempo gramatical do verbo é a de determinar uma relação de passado entre o evento e o tempo da enunciação. É o que se procura representar a seguir, nos moldes habituais da TRD:



Uma das vantagens deste modelo é a possibilidade de definir dois pontos de referência temporal, tornando assim mais transparente a função dos advérbios de tempo. Observe-se a seguinte sequência:

- (11) O Rui chegou de Lisboa à meia-noite. Tinha tido uma entrevista depois do almoço e um encontro com o contabilista antes de regressar no avião das onze.

Podemos representar esta frase do seguinte modo:



Verifica-se aqui a presença de não apenas uma mas de duas relações temporais que envolvem pontos de referência. É a partir da hora da chegada de Rui (R5) que toda a sequência de tempos é retrospectivamente avaliada, o que explica o Mais-que-Perfeito da segunda frase; representamos esse ponto por **P** (Kamp, reinterpretando Reichenbach, designa-o como “temporal perspective point”). Mas ao mesmo tempo cada evento é

associado a um ponto de referência que estabelece uma relação de sequência narrativa — é o ponto de referência temporal, que designamos aqui por **R**, que é herdado pela frase seguinte e adoptado como ponto de perspectiva temporal.

A introdução destes dois pontos de referência torna a TRD numa perspectiva bidimensional da referência temporal, permitindo-nos configurar as seguintes relações temporais:

(i) *Perspectiva temporal*: Passado / Presente / Futuro — quanto às relações estabelecidas entre o ponto de perspectiva temporal e o tempo de enunciação.

(ii) *Localização temporal*: Anterioridade / simultaneidade / posterioridade — se considerarmos as relações temporais entre o ponto de perspectiva temporal e o tempo da situação.

No quadro V procurámos pôr em evidência a diversidade de funções discursivas dos advérbiais de tempo, diversidade que aumenta significativamente se procurarmos analisar mais finamente os advérbiais de “referência actual”. Convém aqui distinguir dois valores, o de *localização temporal* e o de *quantificação temporal*. Por “localização temporal” entendemos a capacidade que alguns advérbiais de tempo manifestam de fornecer *coordenadas temporais* que permitem situar o estado ou evento descrito na frase, seleccionando um momento ou intervalo de tempo que é constituído como seu referente⁴. O exemplo a seguir ilustra algumas das formas mais comuns de como os advérbiais de tempo participam no estabelecimento da localização temporal:

- (12) O Rui nasceu em Abril de 1980 / em meados dos anos 80 / há 12 anos / quando a Maria se casou / domingo / durante a tarde.

Os advérbiais localizadores, de forma geral, especificam um tempo que é assumido como ponto de perspectiva temporal (P) na frase, entrando em relação com o tempo do evento e com o tempo da enunciação. É deste valor relacional que decorre o valor de localização propriamente dito.

Por “quantificação temporal” entendemos a propriedade que alguns ATs manifestam (i) seja de referir uma *extensão* de um intervalo de tempo

⁴ Um teste simples para averiguar a natureza *localizadora* de advérbiais de tempo consiste em verificar se eles podem constituir resposta a interrogativas com *quando?*. À interrogativa da frase (11) não podem constituir resposta: **em 10 minutos / *frequentemente*.

(uma *duração*), estabelecida através de uma medida apresentada de forma definida ou vaga; (ii) seja de especificarem numérica ou escalarmente graus de *frequência* de ocorrência de uma situação.

Não será difícil encontrar aqui uma proporção entre a oposição *localização / quantificação* e a distinção *tempo / aspecto*. Seguindo esta lógica poderíamos, como procede Dowty (1979), distinguir advérbios de tempo e advérbios de aspecto. Parece-nos difícil, no entanto, considerar uma classe de advérbios de tempo por oposição a uma classe de advérbios de aspecto, por algumas razões: (a) porque os localizadores em alguns casos fazem intervir operações que, em rigor, são de natureza aspectual, como seja o estabelecimento de relações entre subintervalos ou a especificação de fronteiras e fases de intervalos; (b) porque certos quantificadores temporais, caso de alguns advérbios durativos (*durante a tarde*) podem estabelecer referência temporal à semelhança dos localizadores; (c) porque, como princípio geral, concordamos com Moens (1987) sobre as vantagens em considerar de modo unificado valores temporais e aspectuais. Preferimos, por isso, considerar propriedades ou valores temporais e aspectuais que os advérbios podem manifestar não raras vezes em simultâneo. Assim, partindo do princípio de que cada advérbial deve ser marcado positivamente por pelo menos uma das propriedades atrás definidas, podemos considerar as seguintes classes dentro da referência actual:

QUADRO VI — Subclasses de advérbios de referência temporal exofórica

-
- A — Os localizadores “puros” {+LOC -QUANT}: “O Rui nasceu *em 1980*”.
- B — Os localizadores que exprimem simultaneamente valores de localização e duração {+LOC +DUR}: “O Rui trabalhou *durante a tarde*”.
- C — Os quantificadores de duração ou durativos “puros” {-LOC +DUR}: “Fez o trabalho *em dez dias*”.
- D — Os quantificadores de frequência {-LOC +FREQ}: “Vai *raramente* ao dentista”.
-

III

Observemos agora com mais atenção os localizadores temporais. Os advérbios de localização temporal podem ser caracterizados quanto ao *tipo* e ao *modo* da referência temporal. O tipo diz respeito à natureza da inde-

xação estabelecida pelo adverbial no eixo temporal; o modo concerne a diversidade de meios utilizados para construir essa referência.⁵

O tipo de referência actual é, sem dúvida, aquele que com mais facilidade consideramos como caracteristicamente temporal, uma vez que os valores modalizados fazem com que certos advérbios, de que é exemplo conhecido o par *já/ ainda*, adquiram facilmente valores não especificamente temporais. A referência actual pode ser estabelecida de formas diversas⁶, de acordo com a natureza e a presença / ausência da indexação ao eixo temporal. Existe um conjunto de adverbiais que denotam o referente temporal sem necessitarem de fazer depender a sua referência de outras coordenadas temporais — isto é, estabelecem uma referência autónoma ou *absoluta*⁷, geralmente recorrendo a datas de calendário (*em 1910, às 10h do dia 2 de Abril de 1980*) ou a eventos que funcionam como datas (*depois da Revolução Republicana*). Os restantes fazem-no de forma relativa, dependendo para tal de outras referências fornecidas pela situação e contexto. Mais formalmente, de acordo com a abordagem bidimensional da referência temporal de Kamp e Reyle (1993), podemos considerar que alguns adverbiais situam o ponto de perspectiva temporal (P) indexando-o relativamente ao tempo da enunciação (localizadores dísticos — *neste momento*) ou a um tempo diferido reconstituível a partir do contexto (localizadores anafóricos — *dois dias antes / depois*), como no exemplo seguinte:

- (13) O Primeiro Ministro discursa *neste momento*. *Dois dias antes* tinha discursado o Presidente da Assembleia.

Esta categorização em três grupos é, porém, complexificada pelo facto de alguns adverbiais relativos poderem ser usados quer como dísticos quer como anafóricos, por um lado, e, por outro, por alguns relativos

⁵ A este propósito, observa Ilari (1991: 166) que o Português possui vários métodos para localizar eventos no tempo, sendo mais comuns as seguintes operações: "(a) A determinação de um momento/período anterior/posterior a outro momento/período (inclusive o momento de falar); (b) a verificação de inclusão total/parcial; (c) a determinação de limites; (d) a medição (exacta ou aproximativa) dos períodos em unidades convencionais".

⁶ Seguimos aqui, com algumas modificações, a abordagem de Borillo (1983).

⁷ Cfr. Borillo (1983). De facto, em rigor, as próprias datas são relativas a calendários. A única excepção será a do tempo *gnómico* ("a água é um líquido") que pode ser considerado um tempo universal ou absoluto propriamente dito.

poderem denotar de forma absoluta. Observem-se os casos a seguir, em que os exemplos (14) e (16) possuem advérbios de interpretação dítica e em (15) e (17) de interpretação anafórica:

- (14) O Rui chegou *agora* do trabalho.
- (15) O Rui chegou do trabalho às cinco da tarde. Podia *agora* tomar um duche e descansar.
- (16) O Rui casou há pouco tempo.
- (17) O Rui casou em Abril. Tinha comprado um apartamento *há pouco tempo*.

Observamos que *agora*, considerado como exemplo clássico de advérbio temporal dítico, funciona na frase (20) como um anafórico, embora em condições especiais; o mesmo sucede com *há pouco tempo*, funcionando em (16) como um dítico e em (17) como um anafórico. Chamaremos a estes advérbios *relativos duplos*⁸, que existem em maior número do que poderíamos supor à partida no seio dos localizadores.

Observem-se agora as frases seguintes:

- (18) O Rui trabalhou *durante a noite*.
- (19) Em 22 de Março o Rui foi operado. *Durante essa noite* ninguém da família se deitou.
- (20) O Rui trabalhou na Efacec durante 1998 / de Janeiro a Outubro de 1998.

Em (18) estamos perante uma referência situada relativamente ao tempo da enunciação (“a noite” só pode ser “*esta* noite”) e em (19) uma referência anafórica, motivada pela presença de “*essa*” na frase; mas em (20) o complemento da preposição é uma data de valor absoluto, o que transforma o advérbio num advérbio de referência absoluta. Designaremos estes advérbios de *variáveis*, que, no entanto, não consideraremos como classe propriamente dita, uma vez que se restringe apenas a um conjunto de advérbios constituídos por sintagmas nominais preposicionados que contêm nomes de referência temporal absoluta no seu escopo.

Assim sendo, e recorrendo apenas às propriedades {± dítico} e {± anafórico}, podemos obter as seguintes classes:

⁸ Uma vez que só funcionam com díticos e anafóricos, e nunca como absolutos, parece-nos menos rigoroso atribuir-lhes a designação, como faz Borillo (*ibidem*), de “polivalentes”.

QUADRO VII — Subclasses de localizadores temporais

A — Absolutos	{-DÍCT -ANAF}	— <i>em 1980, na Idade Média</i>
B — Relativos duplos	{+DÍCT +ANAF}	— <i>agora, há pouco tempo.</i>
C — Dísticos	{+DÍCT -ANAF}	— <i>amanhã, actualmente.</i>
D — Anafóricos	{-DÍCT +ANAF}	— <i>então, nesse tempo.</i>

Também nos adverbiais de tempo escalares existe uma operação de localização temporal. A referência modalizada que eles activam faz intervir dois pontos de referência temporal, sendo um, como já mencionámos, elemento de um mundo possível (um mundo de expectativas por vezes associado a valores médios ou normas. Os principais valores modais resultantes são os de contradição (cfr. [21] e [26]) e os de confirmação de expectativas (cfr. [23]):

- (21) O Rui *já* chegou.
 (22) O Rui *ainda* dorme.
 (23) O Rui *sempre* chegou.

Os valores de contradição podem receber o valor de antecipação / precocidade (em que a ocorrência de *e* se verifica antes de t_{exp} , cfr. 26) ou de retardamento (*e* não ocorre em t_{exp} ou ocorre depois de t_{exp} , cfr. 27). O valor de referência pode ser uma norma (por exemplo, uma expectativa social); assim, afirmar que “o Rui casou cedo” e “a Maria casou cedo” podem denotar na nossa civilização idades bastante diversas.

Esquemáticamente, podemos pois sumariar os seguintes tipos de localização temporal presentes na significação dos adverbiais de tempo considerados até aqui:

QUADRO VIII — Tipos de localização temporal

exofórica	actual	absoluta		
		relativa	simples	dística
			anafórica	
	dupla		(dística e anafórica)	
	modalizada	confirmação		
		contradição	precocidade	
retardamento				
endofórica				

Quanto ao modo como uma situação é temporalmente localizada pelo adverbial, iremos considerar duas propriedades: a construção da localização e a definitude da mesma. A localização pode ser estabelecida pelo adverbial através de dois processos: por datação — originando a categoria dos localizadores a que, seguindo Maurel (1990), chamaremos *datas* — e por medição da distância entre fronteiras de um intervalo de tempo (*medidas de tempo*)⁹. De facto, a referência temporal de (24) e (26) e de (25) e (27) é equivalente:

- (24) O Rui nasceu *em 1980*.
- (25) O Rui vai nascer *em Abril*.
- (26) O Rui nasceu *há 19 anos*.
- (27) O Rui vai nascer dentro de dois meses.

No entanto, *há 19 anos* quantifica a distância entre dois pontos de referência, adquirindo um valor associado de duratividade, o que nos permite caracterizá-lo como {+LOC +DUR}, por oposição a *em 1980* {+LOC -DUR}. Esta localização é estabelecida através de um processo a que chamaremos *medida de distância*, que distinguiremos da *medida de extensão* do intervalo ou *duração* propriamente dita, caracterizadora dos adverbiais durativos {-LOC +DUR} como:

- (28) O Rui nasceu *em meia hora*.

Nos processos de datação podemos considerar os adverbiais que definem um *intervalo* (por isso lhes chamaremos *datas-intervalo* [datas-I]) que inclui o tempo da eventualidade ($t \subset e$) e aqueles em que t tem a estrutura de um instante, activando a relação $t = e$, a que chamaremos *datas-ponto* (datas-P). Damos a seguir exemplos:

- (29) O Rui esteve doente *entre Março e Abril*.
- (30) * O Rui esteve doente *às 6h*.
- (31) O Rui escreveu a carta *entre as 5 e as 6*.
- (32) O Rui escreveu a carta *às 6*.

⁹ Adoptamos a designação “measure adverbials” de Kamp e Reyle (1993), mas não exactamente no mesmo sentido, uma vez que distinguimos medidas e durações.

Com estados temporários, como “estar doente”, em que a situação é considerada na sua globalidade (como sucede com o tempo do Pretérito Simples), as datas-P não se podem distribuir¹⁰. Sendo “escrever a carta” um Processo culminado, a combinatória com uma data-I permite-nos uma leitura durativa: o processo de escrever a carta (I) é incluído no intervalo denotado pelo adverbial: $I \subseteq I'$. Com uma data-P, a interpretação da situação só pode ser a de uma culminação, deixando o adverbial de se referir à fase preparatória do evento.

Esta distinção entre datas-I e datas-P não deve ser confundida com uma outra perspectiva sobre os adverbiais de tempo em que se considera uma classe de adverbiais-quadro ou de enquadramento *versus* outras classes. Estes adverbiais, designados, como vimos, de *frame adverbials* por Bennett e Partee (1978) e Parsons (1990), entre outros, têm como característica marcante o poderem assumir uma posição inicial e destacada de frase com função temática (cfr. Berthonneau 1989), funcionando como enquadramento da referência dada pelo restante da proposição, incluindo outros adverbiais¹¹:

(33) *Em Abril*, o Rui foi frequentemente a Lisboa em 2 horas.

No entanto, esta categoria tem a ver sobretudo com a organização da *informação* na frase, envolvendo processos sintácticos conhecidos que por sua vez resultam de opções a nível pragmático. Não só datas-I como também datas-P podem constituir adverbiais de enquadramento¹²:

(34) *Às 6h*, o Rui telefonou à Maria e o Manel à Rita.

¹⁰ Evidentemente, se assumirmos uma perspectiva imperfectiva da situação (“estava doente”), essa distribuição é possível, sendo o tempo do adverbial incluído no intervalo da situação.

¹¹ Parsons (1990: 209) define os *frame adverbials* como aqueles que são capazes de construir “a context within which the rest of the sentence is to be interpreted”, como em “*During the war, Agatha ran every day in the afternoon*”. Distingue-os dos *time-limiting adverbials*, que restringem o tempo proposicional tal como o tempo gramatical do verbo, e dos *temporal-event modifiers*, considerados predicados de eventos na forma lógica.

¹² Note-se que a tematização dos adverbiais pode estender-se a outras categorias, incluindo os durativos (“*em poucas horas*, a vida do Rui mudou completamente”) e quantificadores de frequência (“*muitas vezes*, o Rui viaja sozinho para Lisboa”).

Consideraremos ainda outros processos de construir a referência por datação: a especificação de fronteiras de intervalo (datas-F):

- (35) *A partir de Março*, o Rui vai trabalhar para a Efacec.
 (36) *Até Março*, o Rui vai trabalhar na Efacec.

Nestes casos, o que o adverbial especifica não é um intervalo, mas a fronteira inicial e/ou final de um intervalo de tempo. As datas-F podem explicitar apenas uma fronteira, representando o intervalo como um aberto, ou duas fronteiras. A fronteira inicial pode coincidir com o tempo da enunciação (“a partir deste momento”), um tempo anafórico (“a partir dessa data”) ou absoluto (“a partir de 1980”). O tempo da enunciação pode ele mesmo ser constituído como fronteira final — mantendo o intervalo aberto à esquerda (“até este momento”) — ou a fronteira final pode ser especificada por localizadores anafóricos e absolutos (“até essa data”, “até 1980”). O jogo destas combinatórias e as restrições específicas de cada uma serão posteriormente discutidas. No quadro a seguir, esquematizamos a tipologia que acabámos de esboçar:

QUADRO IX — Subclasses de datas

Intervalares	especificação de intervalos	Datas-I	<i>durante o dia</i>
	especificação de fronteiras	Datas-F	<i>a partir das 10h</i>
Pontuais		Datas-P	<i>às 10h</i>

O outro modo de construção da localização consiste em medir distâncias. Autores como Dahl (1985) e Lo Cascio (1986) referem-se à importância da marcação da distância temporal (que em algumas línguas surge por vezes assinalada na própria flexão verbal) na construção da referência temporal. Cremos que este parâmetro pode ser integrado na caracterização dos adverbiais que estamos a comentar. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (37) Ele formou-se *há dois anos*.
 (38) Ele formou-se (*há pouco tempo + recentemente*).
 (39) Ele formou-se (*há que tempos + faz já muitos anos*).
 (40) Ele formou-se *há tempos*.
 (41) Ele forma-se *dentro de dois meses*.
 (42) Ele forma-se (*brevemente + dentro de poucos meses*).

Há dois anos e dentro de 2 meses medem a distância entre o tempo da enunciação (ou outro marcado pelo ponto de perspectiva temporal) e o tempo de “ele formar-se”, utilizando uma medida numérica expressa em unidades convencionais de tempo. Os restantes adverbiais estabelecem igualmente uma medição da distância, descrevendo-a, porém, de modo vago, adoptando numa escala um valor de “proximidade” (38, 42), de “distância remota” (39), ou ainda um valor indefinido (40).

A “distância” não deve ser considerada como operativa apenas nos adverbiais de medida temporal; em bom rigor, outros adverbiais, como localizadores propriamente ditos, poderão ser marcados por esta propriedade¹³. Observe-se como exemplo a seguinte frase:

(43) O Rui chegou *ontem*.

Podemos considerar que este advérbio pode adquirir contextualmente uma marcação semântica relativa à distância temporal (“quantificação inerente” de Lo Cascio 1986), tornada particularmente perceptível em contextos que põem em relevo uma avaliação de uma medida de tempo. A distribuição com *já* e *só* pode constituir um teste para distinguir estes valores:

(44) O Rui chegou há muito tempo?

(45) O Rui *já* chegou *ontem*.

(46) O Rui *só* chegou *ontem*.

Podemos considerar que a possibilidade de ocorrência com *já* atribui a propriedade {+distância temporal} e com *só* {-distância temporal}. Distinguiremos assim, quanto ao modo de construção da referência temporal:

QUADRO X — Classificação dos ATs de medida temporal quanto ao modo de construção da referência

Definidas	discretas		<i>há um ano</i>
	vagas	próximo	<i>recentemente</i>
		remoto	<i>há muito tempo</i>
Indefinidas			<i>há tempos</i>

¹³ Cfr. tratamento de adverbiais de tempo em Lo Cascio (1986).

A medida da distância pode ser avaliada tomando como marco de referência o tempo da enunciação ou um outro qualquer ponto de referência, como na frase seguinte, incluindo um tempo absoluto:

- (47) O Rui encontrou-se *ontem* com o João. Já não o via *há cerca de um ano*.

Os advérbiais do tipo data-F podem ter como seus complementos medidas:

- (48) Ando a tentar falar com ele (desde há um ano + de há um ano para cá).

Em segundo lugar, podemos constatar que uma situação pode ser temporalmente localizada de forma definida, como acontece no caso das datas de calendário, mas frequentemente (talvez na maior parte dos casos) a localização temporal é estabelecida de forma indefinida ou vaga. Um teste simples para diagnosticar esta distinção consiste em combinar o advérbial com “precisamente” ou “exactamente”, que requerem definitude.

- (49) Ele chegou precisamente *há uma hora*.

- (50) *Ele chegou precisamente *há pouco*.

Deveríamos considerar aqui a oposição definido / indefinido, no entanto, mais como uma relação escalar do que polar. De facto, é desnecessário, e constituiria uma carga cognitiva insuportável, datar com precisão todos os estados e eventos a que nos referimos quando falamos. Mesmo em operações definidas de localização, essa referência é muitas vezes feita por aproximação. Numa frase como:

- (51) Estive a dormir *até ao meio-dia*,

facilmente se concebe o referente do advérbial como um intervalo alargado que se situa na vizinhança de “12 horas”. Além disso, a língua possui um conjunto de meios lexicais que, mesmo quando a referência é definida, permite atenuar essa determinação através de construções perifrásticas que ampliam o intervalo incluindo a sua vizinhança topológica. Temos, assim, *pelas 5 horas* em oposição à construção definida *às cinco horas*; ou um vasto leque de construções como *por volta das 5*; *cerca das 5*; *lá pelas 5*; *às 5*; *mais coisa menos coisa*. Em sentido inverso, a necessidade de acen-

tuar o grau de definitude leva ao emprego de adjectivos, advérbios ou locuções adverbiais como *precisamente às 5, às 5 horas em ponto, mesmo às 5 horas, às 5 horas exactas*. Feitas estas ressalvas, relativamente à *definitude* da referência temporal operada pelos ATs, consideraremos que a localização temporal estabelecida pelo adverbial pode ser classificada como definida (cfr. 52) ou indefinida (cfr. 53):

(52) O Rui chegou *às cinco e dez*.

(53) O Rui chegou *há pouco*.

Poderemos considerar ainda outros parâmetros na categorização dos localizadores temporais. Halliday (1985) menciona a oposição dinamismo / estatismo dessa referência¹⁴: uma situação pode ser localizada no tempo por um adverbial de forma estática ou dinâmica, sendo esta estabelecida de modo retrospectivo ou prospectivo:

(54) O avião parte *às três e cinco*.

(55) *Até agora*, ele tem sido compreensivo. Mas *a partir de hoje* será implacável.

No entanto, este parâmetro acaba por ser específico de alguns localizadores, a saber, a subclasse das datas-F e das medidas temporais. A expressão do valor dinâmico está de facto associada ao estabelecimento de relações temporais complexas, em que intervêm, designadamente, especificações orientadas de fronteiras de intervalos de tempo. Como exemplos, observem-se as frases seguintes, que classificamos quanto ao dinamismo do processo de referência temporal apresentado:

(56) O livro vai sair *em Abril*. (Estático)

(57) O livro saiu *há 8 dias*. (Dinâmico - retrospectivo)

(58) O livro vai sair *até Abril*. (Dinâmico - prospectivo)

IV

Finalmente, iremos descrever os advérbios a que chamamos quantificadores temporais. A denotação da extensão de um intervalo de tempo, frequentemente designada por *duração*, é estabelecida por advérbios que

¹⁴ Sugerida pelo paralelismo que estabelece com os localizadores espaciais.

interagem de formas muito específicas com classes aspectuais, valores aspectuais e tempos verbais. Na literatura não há verdadeiro acordo sobre o que se pode considerar *duração*, sendo possível encontrar uma concepção que iremos considerar estrita — que iremos adoptar aqui — por oposição a uma concepção alargada desta noção. A primeira encontra-se, por exemplo, em Berthonneau (1991: 107) que, ao definir “complementos durativos”, considera que “on peut réserver ce terme aux compléments qui obligent le procès à recouvrir l’intervalle I”. São complementos que não têm qualquer função localizadora. Um bom exemplo seria o adverbial introduzido por *durante* na frase seguinte, ou o adverbial com preposição apagada ou com um determinante quantificador como *inteiro*:

- (59) O Rui trabalhou durante duas horas.
- (60) O Rui trabalhou *duas horas*.
- (61) O Rui trabalhou no artigo (*durante*) *um ano inteiro*.

Uma perspectiva mais alargada do conceito de duração poderá incluir outros tipos de construção adverbial, designadamente aqueles que, a par da expressão da extensão do intervalo, localizam também esse intervalo — os que atrás designámos de *medidas temporais* ou *especificadores de fronteira*, como nos exemplos seguintes:

- (62) O Rui chega dentro de dois dias.
- (63) O Rui chegou *há dois dias*.
- (64) O Rui trabalhou *das cinco às oito*.

Alguns autores (cfr. Borillo 1988) consideram que há duas formas de exprimir a duração: a duração dada em simultâneo com a localização e a que decorre da especificação da extensão de um intervalo:

- (65) O Rui trabalha em computadores (*há dois anos + desde Abril + durante este ano + até Abril*).

Outros, como Kamp e Reyle (1993), restringem a noção a uma pura denotação de medida de tempo, desprovida de qualquer valor de localização temporal da situação:

- (66) O Rui dormiu (*durante umas horas + três horas*).

A nossa posição será a seguinte: podemos considerar três classes de adverbiais — os localizadores puros [+LOC –DUR], como *às cinco horas*; os localizadores que denotam também a extensão de intervalos [+LOC +DUR], como *há três dias*; e os durativos propriamente ditos [–LOC +DUR], como *durante três horas*, que consideramos quantificadores, uma vez que as construções dos durativos exigem sempre construções de quantificação. A duratividade é, no caso do segundo grupo, uma propriedade associada e secundária, decorrente do modo de construção da referência temporal; no caso dos durativos, é uma função essencial e inerente à significação do adverbial¹⁵.

Uma outra distinção a ter em conta, segundo Kleiber (1987), é a que se ilustra nos exemplos seguintes:

- (67) A Maria tocou piano *durante duas horas*.
 (68) A Maria tocou piano *durante dois anos*.

No primeiro caso podemos interpretar o adverbial como denotando uma extensão em contínuo, o que permite parafrasear (67) por (69) e (70):

- (69) A Maria esteve duas horas a tocar piano.
 (70) A acção de a Maria tocar piano durou / demorou duas horas.

No caso da frase (68), seria pouco natural a construção com verbos temporais como *durar* ou *demorar* (cfr. 70), sendo possível usar, em vez de *estar*, um auxiliar aspectual como *andar*, que permite a interpretação do intervalo relativo à situação como sendo um intervalo não compacto:

- (71) A Maria andou *dois anos* a tocar piano.
 (72) ?? A acção de a Maria tocar piano durou / demorou *dois anos*.

¹⁵ Ilari (1991: 191 e *passim*) considera a existência de uma classe de advérbios “aspectuais” (a que por vezes também chama “aspectualizadores”). Menciona três grupos de “adjuntos aspectuais”: aqueles que (como “recentemente”) seleccionam classes aspectuais determinadas; os que indicam duração (como *em três semanas*); e os que indicam reiteração. Não se refere, contudo, ao facto de os adjuntos do primeiro grupo operarem também localização temporal, o que levanta a questão da sua integração numa classe puramente aspectual. No final do artigo, Ilari matiza esta concepção de uma classe de adverbiais aspectuais, apontando antes para a necessidade de definir “maneiras de os adjuntos se relacionarem ao aspecto”.

Isto é, a interpretação da frase (68) só pode ser a que considera o processo de “tocar piano” como repetido ou plural. Neste sentido, Kleiber (1987) fala de uma “duração da frequência”, considerando que são motivações pragmáticas — a interpretação durativa em contínuo pode-se manifestar inadequada relativamente à extensão do intervalo — que determinam este tipo de leitura. Podemos, assim, distinguir dois valores da duração¹⁶, um homogéneo ou contínuo, denotando intervalos de tempo compactos, outra pluralizando as ocorrências ao longo desse intervalo de tempo. A interpretação destes dois valores depende por completo do contexto. Mas é importante notar que, tal como a localização e a duração, também a duração e a frequência podem interagir na significação de certos advérbiais de tempo.

Uma peculiaridade dos durativos é o serem realizados morfossintacticamente por sintagmas preposicionais, em número aliás muito reduzido, em construções introduzidas por preposições como *em*, *por* e *durante*.

Ao considerarmos a seguir os advérbiais de frequência, convém começar por observar que tomamos aqui “frequência” num sentido amplo, abarcando as diversas modalidades de pluralização das ocorrências de uma situação. Existe um pequeno grupo de advérbiais que se enquadram no âmbito da quantificação *habitual* — como *normalmente*, *geralmente*, *habitualmente*, *regra geral*, *por norma* — contribuindo para caracterizar a situação nos moldes que já descrevemos atrás quando nos referimos à caracterização habitual das situações. Uma das suas características mais marcantes é a sua distribuição com o Presente habitual ou o Imperfeito habitual, ou ainda com o Pretérito Composto:

- (73) O Rui *normalmente* (almoça + almoçava + *está a almoçar + *esteve a almoçar + ?almoçou + tem almoçado + *vai almoçar) em casa.

O efeito destas frases é, como referimos, transformar o conteúdo predicado numa *propriedade*.

Quanto aos restantes advérbiais de frequência, marcados pelo traço {–genérico}, podemos distinguir advérbiais de frequência definida e indefi-

¹⁶ Borillo (1986: 123) distingue verdade *para* um intervalo e *num* intervalo, de modo em tudo paralelo à distinção entre valor durativo contínuo e plural.

nida. Aos primeiros poderemos também (cfr. Borillo 1986: 132) chamar *iterativos* e aos segundos, advérbios de *frequência* propriamente ditos. Os primeiros definem uma situação verdadeira *num* intervalo de tempo susceptível de ser verificada um número *n* de vezes no interior desse intervalo (“fui *duas vezes* ao dentista no ano passado”); os segundos definem uma situação verdadeira *para* um intervalo de tempo, consistindo numa avaliação feita relativa a uma média ou norma (“vou *raramente* ao dentista”). Vai no mesmo sentido a distinção que encontramos por exemplo em Parsons (1990: 224s), entre os advérbios que quantificam sobre a *cardinalidade* das ocorrências das situações e os que estabelecem avaliações sobre a *proporcionalidade* existente entre um subconjunto de ocorrências e a totalidade das mesmas¹⁷. Assim, podemos distinguir:

(74) O Rui vai a Lisboa 2 vezes por mês.

[iteração / cardinalidade]

(75) O Rui vai a Lisboa frequentemente.

[frequência / proporcionalidade]

Os quantificadores temporais definidos podem por sua vez denotar processos cíclicos (como *periodicamente* / *duas vezes por ano* / *mensalmente*) ou não-cíclicos (como *ocasionalmente*, *uma vez*). Quanto aos indefinidos, os quantificadores denotam valores graduáveis ou valores polares de frequência; como exemplos dos primeiros temos *muitas vezes* / *muito* / *frequentemente*, indicando uma frequência elevada, e *poucas vezes* / *pouco* / *raramente* indicando uma frequência baixa; dos segundos, *sempre* e *nunca* são exemplos de quantificadores polares respectivamente positivo e negativo. No quadro que se segue, sintetizamos estas observações:

¹⁷ Ilari (1991: 179) estrutura da seguinte forma as expressões advérbias de quantificação temporal: ocorrência única / plural; a quantificação plural pode ser realizada através de: (1) “totalização” (numérica — “três vezes”; indefinida (sem comparação — “algumas vezes”; com comparação implícita — “muito”, “um pouco”); (2) simples recorrência (“de novo”, “novamente”); (3) recorrência/ciclo. Nesta última distingue ciclo não medido (o que corresponde ao nosso conceito de “proporcionalidade” e “ciclo medido” (nosso conceito de “cardinalidade”). No primeiro grupo integra os advérbios de frequência (alta, média e baixa) e de “regularidade” (marcando com +regular advérbios como “regularmente” e “periodicamente”; e com -regular “eventualmente”). No segundo inclui advérbios que, como “anualmente”, respondem à interrogativa com “quantas vezes?” e expressões com “a cada tempo” (“cada três meses”, “quase todos os anos”).

QUADRO XI — Quantificadores de frequência

+genérico / habitual				<i>habitualmente</i>
-genérico / habitual	+definida (iterativos)	+cíclica		<i>duas vezes por mês</i>
		-cíclica		<i>ocasionalmente</i>
	-definida (frequentativos)	+graduável	+alta	<i>frequentemente</i>
			-alta	<i>raramente</i>
-graduável (polar)	-graduável (polar)	+positiva	<i>sempre</i>	
		-positiva	<i>nunca</i>	

Sérgio Matos

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ANSCOMBRE, J.-C. — 'L'opposition *longtemps / longuement*: durée objective et durée subjective', *Langue Française* 88, 1991, pp. 90-115.
- BARTSCH, R. — *The Grammar of Adverbials*, Amsterdam, 1976.
- BENNETT, M.; PARTEE, B. — *Toward the Logic of Tense and Aspect in English*, Bloomington, Indiana University Linguistic Club, 1978 (1972).
- BERTHONNEAU, A.-M. — *Composantes linguistiques de la référence temporelle. Les compléments de temps, du lexique à l'énoncé*, Univ. Paris VII, 1989.
- 'Avant / après. De l'espace au temps', in: BERTHONNEAU, A.-M. & CADIOT, Pierre (orgs.), 1991, pp. 41-109.
- *Pendant et pour*, variations sur la durée et donation de la référence', in: BERTHONNEAU, Anne-Marie & CADIOT, Pierre (orgs.), 1991, pp. 112-124.
- BERTHONNEAU, A.-M.; CADIOT, P. (orgs.) — *Les prépositions: méthodes d'analyse, Lexique II*, Presses Universitaires de Lille, 1991.
- BINNICK, R. — *Time and the Verb*, N. York / Oxford, Oxford University Press, 1991.
- BORILLO, A. — 'Les adverbies de référence dans la phrase et dans le texte', *Communiversion*, in *DRLAV* 29, Paris, 1983.
- 'Pendant et la spécification temporelle de la durée', *Cahiers de Grammaire* 8, Univ. Toulouse-Le Mirail, Toulouse, 1984.
- 'La quantification temporelle: durée et itérativité en français', *Cahiers de Grammaire* 11, 1988, pp. 117-156.
- CARBONERO CANO, P. — *Deixis espacial y temporal en el sistema lingüístico*, Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 1979.
- DAHL, Ö. — *Tense and Aspect Systems*, Oxford, Blackwell, 1985.

- DOWTY, D. R. — *Word Meaning and Montague Grammar*, Dordrecht, Reidel, 1979.
- GREENBAUM, S. — *Studies in English Adverbial Usage*, Londres, Longman, 1969.
- GROSS, M. — *Grammaire transformationnelle du français, 3 — Syntaxe de l'adverbe*, Paris, ASTRIL, 1990.
- GUIMIER, C. — *Syntaxe de l'adverbe anglais*, Lille, Presses Universitaires de Lille, 1991.
- HALLIDAY, M. A. K. — *An Introduction to Functional Grammar*, E. Arnold, 1985.
- ILARI, R. — 'Considerações sobre a posição dos advérbios', in: ILARI, R. (org.) *Gramática do Português Falado*, vol. 2, Ed. Unicamp, 1991, pp. 153-192.
- 'Sobre os advérbios aspectuais', in: ILARI, R. (org.) — *Gramática do Português Falado*, vol. 2, Ed. Unicamp, 1991, pp. 153-192.
- *Perspectiva funcional da frase portuguesa*, Campinas, Unicamp, 1986.
- ILARI, R. (org.) — *Gramática do Português Falado*, vol. 2, Ed. Unicamp, S. Paulo, 1991.
- ILARI, R. et al. — 'Considerações sobre a posição dos advérbios', in: CASTILHO, A. P. (org.) *Gramática do Português Falado*, vol. 1, Ed. Unicamp, 1991, pp. 63-141.
- 'Considerações sobre a posição dos advérbios', in: CASTILHO, A. T. (org.) — *Gramática do português falado*, vol. 1, 1990, pp. 63-141.
- KAMP, H.; REYLE, U. — *From discourse to logic: Introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht, Kluwer, 1993.
- KLEIBER, G. (org.) — *Rencontre(s) avec la généricité*, Paris, Klincksieck, 1987.
- LO CASCIO, V. — 'Temporal Deixis and Anaphor in Sentence and Text: Finding a Reference Time', in: LO CASCIO, V. e VET, C. (orgs.), 1986.
- LO CASCIO, V.; VET, C. (orgs.) — *Temporal Structure in Sentence and Discourse*, Dordrecht, Foris, 1986.
- LYONS, J. — *Semantics*, Volume 2, Cambridge University Press, 1977.
- MATOS, S. — *Adverbiais de tempo em português contemporâneo: forma e significação*. Porto, 1999.
- MAUREL, D. — 'Adverbes de date: étude préliminaire à leur traitement automatique', *Linguisticae Investigationes XIV/1*, 1990, pp. 31-63.
- MELIS, L. — *Les circonstants et la phrase: étude sur la classification et la systématique des compléments circonstanciels en français moderne*, Presses Universitaires de Louvain, 1983.
- MOENS, M. — *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Universidade de Edinburgh, 1987.
- MOLINIER, C. — 'Une classification des adverbes en -ment', *Langue Française* 88, 1990, pp. 28-40.

ADVERBIAIS DE LOCALIZAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO TEMPORAL

- MØRDRUP, O.— ‘Une analyse non-transformationnelle des adverbes en *-ment*’,
Revue Romane II, Copenhague, Akademisk Forlag, 1976.
- OLIVEIRA, F. — ‘Algumas Peculiaridades do Aspecto em Português’, in: *Actas do
Congresso Internacional sobre o Português*, vol. II, Lisboa, A.P.L., pp. 151-
-190.
- PARSONS, T. — *Events in the Semantics of English. A Study in Subatomic
Semantics*, Cambridge (Mass.), The M.I.T. Press, 1990.
- QUIRK et al. — *A Grammar of Contemporary English*, Longman, 1979.
- QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. — *A Comprehensive Grammar
of the English Language*, Londres, Longman, 1985.
- SCHYLTER, S. — ‘Une hiérarchie d’adverbes et leurs distributions, par quelles trans-
formations?’. In: *Actes du Colloque Franco-Allemand I*, Tübingen, Max
Niemeyer Verlag, 1974, pp. 75-84.
- VERKUYL, H. J. — *On the compositional nature of the aspects*, Dordrecht, D.
Reidel, 1972.